



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS  
CLÁSSICAS

**PARTICÍPIOS DERIVADOS DE VERBOS  
MONOARGUMENTAIS  
UMA BREVE ANÁLISE SOBRE PREDICAÇÃO VERBAL**

FERNANDA PRISCYLA SILVA SANT'ANA TRINDADE

BRASÍLIA

2017

FERNANDA PRISCYLA SILVA SANT'ANA TRINDADE

**PARTICÍPIOS DERIVADOS DE VERBOS  
MONOARGUMENTAIS  
UMA BREVE ANÁLISE SOBRE PREDICAÇÃO VERBAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Seminário de Português para a obtenção do título de Bacharel em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho

DEZEMBRO/ BRASÍLIA

2017

## RESUMO

Esta monografia tem por objetivo refletir sobre os conceitos de predicção verbal que foram abordados pela gramática tradicional e, por conseguinte, pela linguística moderna. Tem-se como o cerne dessa discussão os verbos monoargumentais, que são os inacusativos e os inergativos, tradicionalmente considerados como intransitivos pelas gramáticas de Rocha Lima (2000), Cunha & Cintra (2001), e Bechara (2009). Os dados para esta pesquisa foram coletados a partir de expressões empregadas em nossa linguagem cotidiana, sendo que algumas construções foram tiradas da internet, especificamente, do *Dicionário Informal Online*, (Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>) e outras sentenças foram criadas. A presente análise parte dos verbos no particípio que, em construções de predicado nominal, transpõem o significado lexical de um verbo correspondente, propondo assim uma interpretação metafórica para a sentença. Para isto, essa análise descritiva baseia-se nos seguintes autores: Elizeu (1984), Duarte (2003), Ciríaco & Caçado (2004), Lunguinho, Resenes & Negrão (2012) e Nascimento (2014), os quais buscam explicar os fenômenos de inacusatividade que têm ocorrido na Língua Portuguesa. Verificou-se que os particípios apresentaram um sentido metafórico em construções  $V \rightarrow VDO$  e  $VDO$ , e também  $V \rightarrow VDO/VDO$ . Observou-se, ainda, que alguns particípios compartilham relações de proximidade e sinonímia, pois, conotam um mesmo sentido e uma mesma referencia contextual. Utilizou-se o teste sintático Particípio Absoluto para realizar o diagnóstico de inacusatividade. Por fim, conclui-se, previamente, que há uma possível relação de troca de argumentos entre inacusativos, inergativos em algumas sentenças participiais. Além disso, os dados apontaram que algumas construções inacusativas e transitivas, desde que o argumento interno seja o sujeito da sentença, podem ocorrer com *-se*. Ante o exposto, considera-se que as discussões trazidas carecem de uma análise mais aprofundada para que se tenha uma análise mais objetiva.

**PALAVRAS-CHAVES:** Predicção verbal. Inacusativos e Inergativos. Particípio. Sentido metafórico.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>5</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>7</b>  |
| A PREDICAÇÃO VERBAL NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS .....  | 7         |
| 1.1. ROCHA LIMA .....  | 7         |
| 1.2. CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA .....  | 9         |
| 1.3. EVANILDO BECHARA .....  | 11        |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>15</b> |
| A LINGUÍSTICA MODERNA E A CONCEPÇÃO DE PREDICAÇÃO VERBAL .....                               | 15        |
| 2.1. OS INERGATIVOS E OS INACUSATIVOS .....  | 15        |
| 2.2. AS PROPRIEDADES DOS VERBOS MONOARGUMENTAIS .....  | 18        |
| 2.3. TESTES SINTÁTICOS .....   | 20        |
| 2.4. TESTES SEMÂNTICOS .....   | 25        |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>28</b> |
| ANÁLISE DE DADOS .....   | 28        |
| 3.1. OS PARTICÍPIOS $V \rightarrow V_{DO}$ ; $V_{DO}$ ; $V \rightarrow V_{DO}/ V_{DO}$ ..... | 29        |
| 3.2. O SENTIDO METAFÓRICO DE ALGUNS PARTICÍPIOS .....  | 31        |
| 3.3. A PREDICAÇÃO VERBAL DOS PARTICÍPIOS .....   | 33        |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>39</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | <b>41</b> |

## INTRODUÇÃO

As teorias linguísticas contribuem, significativamente, com diferentes concepções sobre a linguagem humana, procurando descrever e explicar os fenômenos linguísticos e extralinguísticos em torno dos falantes no uso de sua língua.

Na tentativa de descrever sobre a predicação verbal, as gramáticas tradicionais prescreveram tal assunto, partindo de uma análise superficial da língua portuguesa e, por meio de critérios semânticos, buscaram distinguir os verbos entre significativos, isto é, que podem ser núcleo dos predicados, e não-significativos como aqueles que nunca são núcleos do predicado. Pertencentes à classe dos significativos estão categorizados os verbos transitivos, que selecionam argumentos, e os verbos intransitivos, sendo aqueles verbos que não selecionam qualquer argumento. Na classe dos verbos não-significativos encontra-se as categorias verbo de ligação e verbo auxiliar.

Contrapondo essa perspectiva, fundamentamo-nos na Teoria Gerativa, a qual compreende a capacidade para a linguagem como uma característica inerente aos seres humanos, integrada à sua biologia. A linguagem segundo essa concepção é vista a partir da perspectiva biolinguística, universalista e internalista, ou seja, a linguagem é parte da genética humana e, nesse sentido, todas as línguas humanas, por hipótese, devem partilhar propriedades comuns, pelo fato de que, o *locus* da linguagem é na mente humana e não fora dela (LUNGUINHO, RESENES & NEGRÃO, 2012).

Para a Teoria Gerativa, a noção de predicação verbal está para além dos critérios semânticos. “As investigações gerativistas mostram que a sintaxe ocupa um lugar central nessa teoria, sendo ela responsável pela combinação dos itens lexicais na sentença, além disso, busca compreender como as línguas naturais se estruturam e se organizam” (LUNGUINHO, RESENES & NEGRÃO, 2012).

Nesse sentido, o presente trabalho traz uma amostra da interação entre o léxico e a sintaxe no que diz respeito à predicação verbal e suas respectivas classificações, dando prioridade aos verbos monoargumentais do Português Brasileiro. Veremos também que as definições tradicionalmente colocadas são insuficientes para explicar os fenômenos de inacusatividade que ocorrem na Língua Portuguesa. Essas questões baseiam-se nos seguintes autores: Elizeu (1984), Duarte (2003), Nascimento (2014), Ciriaco & Cançado (2004), e Lunguinho, Resenes e Negrão (2012).

Os dados apresentam construções transitivas, inergativas e inacusativas. Considerando as propriedades dos verbos monoargumentais, tem-se como principal objetivo averiguar, por meio de teste sintático, o que acontece com alguns participípios que, em construções de predicação nominal com *ser*, *estar* e *ficar* transpõem o significado lexical do verbo correspondente propondo uma interpretação metafórica para a sentença.

A fim de compreendermos tal assunto, dispomos este trabalho da seguinte maneira: no capítulo 1 traremos o posicionamento das gramáticas tradicionais da língua portuguesa e suas perspectivas teóricas em torno da predicação verbal. No capítulo 2 abordaremos a concepção de predicação verbal segundo a linguística moderna, especificamente, segundo a perspectiva gerativa a qual introduz os verbos inacusativos como uma subcategoria dos verbos intransitivos. Destacamos, ainda, algumas das propriedades e testes sintáticos propostos pela literatura na tentativa de distinguir os verbos monoargumentais. No capítulo 3 traremos os dados linguísticos visando descrever como comportam os argumentos dos inacusativos e dos inergativos nas sentenças construídas com participípios. Finalmente, concluiremos esta pesquisa abordando os pontos mais relevantes.

# CAPÍTULO 1

## A PREDICAÇÃO VERBAL NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

As gramáticas tradicionais, de modo geral, têm analisado o conceito de predicação verbal a partir de critérios semânticos. Fundamentadas na noção de verbos significativos e não significativos, ou nocionais e não nocionais, elas apontam que os verbos se dividem em transitivos e intransitivos, apenas. E que o verbo de ligação e o verbo auxiliar, por não constituírem núcleos de predicados, não apresentam argumentos relacionados diretamente ao verbo. Desenvolve-se neste capítulo a concepção de predicação verbal segundo a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2000), a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2001) e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009).

### 2.1. ROCHA LIMA

Encontra-se na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2000, ), a seguinte definição sobre o verbo: é aquele que “expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”. Considerando este critério semântico, Rocha Lima ainda acrescenta que o verbo é a palavra regente por excelência, pois, pode exigir determinados complementos os quais tornam possível a compreensão do fato verbal, constituindo, assim, uma “expressão semântica”.

Segundo o gramático, a predicação verbal é formada a partir da relação entre o verbo e seu(s) complemento(s). Os verbos distinguem-se conforme a sua natureza, podendo ser intransitivos ou transitivos na medida em que vêm acompanhados ou não de complemento(s). Nessa perspectiva, os verbos intransitivos são aqueles que trazem sobre si uma predicação completa, neles se concentra toda a noção predicativa. Já os verbos transitivos são aqueles que, por ter uma predicação incompleta, exigem elementos que complementem a sua significação. Vejamos os exemplos:

(1)

| <b>INTRANSITIVO</b>       | <b>TRANSITIVO</b>                         |
|---------------------------|---|
| O soldado <i>morreu</i> . | A criança <i>comprou</i> (o quê)          |
| Todos <i>fugiram</i>      | Os alunos <i>pediram</i> (o quê) (a quem) |

Os verbos transitivos não só exigem complementos verbais como também podem demandar ou não determinadas preposições para formar uma “expressão semântica”. Ancorado nessa ideia, Rocha Lima sugere a classificação dos verbos transitivos segundo a natureza e exigência de seus objetos, sendo rotulados como: transitivo direto (exige um objeto direto), transitivo indireto (exige um objeto indireto), transitivo relativo (exige um complemento preposicional, chamado complemento relativo), transitivo circunstancial (requer um complemento preposicionado ou não, chamado complemento circunstancial) e bitransitivo (exige concomitantemente um objeto direto e um objeto indireto ou um objeto direto e um complemento relativo).

Tais objetos compõem a transitividade de seus verbos para que se forme uma predicação completa (2). Nesse sentido, os complementos verbais são classificados como objeto direto, sendo este o complemento que na voz ativa, representa o paciente da ação verbal, entretanto, pode ser o sujeito da voz passiva; objeto direto preposicional, um complemento que não é o objeto direto precedido de preposição; objeto direto interno, um complemento representado por substantivo do mesmo radical de um verbo intransitivo, desde que venha acompanhado de adjunto; objeto indireto, um complemento que corresponde ao ser animado a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa; complemento relativo, um complemento que denota o ser sobre o qual recai a ação, também liga-se ao verbo por uma preposição determinada, no entanto, não é um objeto indireto; e por fim, complemento circunstancial, um complemento de natureza adverbial em que o verbo de direção exige uma preposição para ligar ao termo locativo. Este complemento constrói-se com ou sem a preposição. A tabela abaixo é uma representação dos complementos verbais, de acordo Rocha Lima:

(2)

| <b>VERBOS TRANSITIVOS</b> | <b>COMPLEMENTOS</b>                              |  |
|---------------------------|--|--|
| Direto                    | Direto<br>Direto Preposicional<br>Direto Interno | Castigar <i>o filho</i> .<br><i>Aos pais</i> ama-se com fervor.<br>Viver <i>uma vida feliz</i> . |

|                |   |  |
|----------------|---|--|
| Indireto       | Indireto                                | Escrever <i>a um amigo</i> .                   |
| Relativo       | Relativo                                | Assistir <i>a um baile</i> .                   |
| Circunstancial | Circunstancial                          | Irei <i>a Roma</i> e jantarei <i>em Roma</i> . |
| Bitransitivo   | Direto + Indireto;<br>Direto + Relativo | Ele deu <i>a ela um vestido novo</i> .         |

Para este autor, a relação estabelecida entre o verbo e seus complementos se restringe apenas aos verbos transitivos, enquanto que os intransitivos carregam sobre si informações suficientes para representar toda noção predicativa. Assim, tanto os intransitivos quanto os transitivos são considerados “verbos nocionais”, pois, denotam significação lexical em sua forma. Já aqueles que não são nocionais, Rocha Lima os consideram como “relacionais”, são eles: verbo de ligação e verbo auxiliar

Sobre os verbos de ligação, apesar de constituírem os predicados nominais, eles não apresentam complementos ligados ao verbo e a função predicativa não é exercida pelo mesmo, mas, pelo nome. Desse modo, o seu predicativo refere-se diretamente ao sujeito ou ao objeto, relacionando-os sem exigência de complementariedade. Quanto aos verbos auxiliares, são verbos formadores de tempos compostos. Eles expressão certos aspectos especiais que, para se realizarem, precisam acompanhar os verbos em suas formas nominais, as quais são: infinitivo, gerúndio e particípio. Desse modo, os verbos auxiliares se enquadram mais como relacionais que nocionais.

## 2.2. CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

Cunha & Cintra (2001), em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, aborda que o verbo encontra-se estreitamente relacionado à sua predicação. Sintaticamente, tem a função obrigatória de predicado, sendo, portanto, o núcleo do predicado na estrutura oracional. Quanto à sua morfologia, podem apresentar variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz. Essa definição funda-se em critérios semânticos colocando o verbo como aquele que exprime um acontecimento representado no tempo. No decorrer das várias classificações adotadas pelos autores vamos percebendo que há uma perspectiva semântica sobreposta à perspectiva sintática com relação aos termos oracionais.

Conforme os autores, os verbos podem ser classificados como “significativos” e “não-significativos”. Os verbos significativos são aqueles definidos como núcleos do predicado verbal e trazem uma ideia nova ao sujeito. Estes verbos, também chamados de “nacionais”, podem ser divididos em intransitivos e transitivos (3). Já os verbos não-significativos são aqueles que estabelecem a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal e são chamados de verbos de ligação ou copulativos e verbos auxiliares.

(3)

| <b>INTRANSITIVO</b>      | <b>TRANSITIVO</b>              |
|--------------------------|--------------------------------|
| <i>Sobe a névoa...</i>   | <i>Vou ver o doente.</i>       |
| <i>A sombra desce...</i> | <i>Ela invejava os homens.</i> |

Cunha & Cintra ainda destacam que em torno dos verbos significativos a ideia expressa sobre o sujeito pode acontecer de duas formas: pode ser completa, de modo que a ação não vai além do verbo como acontece com os verbos intransitivos. E pode ser incompleta e, então, há verbos que exigem certos termos para completar o seu significado. Estes são os verbos transitivos, os quais exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (objeto direto ou indireto) para que o seu sentido seja completo.

Segundo os gramáticos, os verbos transitivos podem ser subdivididos em direto, indireto e direto e indireto simultaneamente. A principal distinção se estabelece na transitividade da ação verbal: o verbo é transitivo direto abrange elementos de forma direta sem o auxílio da preposição, o verbo transitivo indireto acontece com o auxílio da preposição, e o verbo transitivo direto e indireto seleciona os seus elementos ao mesmo tempo, de forma direta e indireta para os outros elementos da oração.

A fim de integrar o sentido dos verbos transitivos, os termos oracionais complementam essa transitividade por meio do *objeto direto*, *objeto direto preposicionado*, *objeto indireto*, e *objeto direto e indireto*. Cunha & Cintra nos apresenta tais classificações como complementos verbais que se dirigem a ação verbal com ou sem a regência da preposição do verbo aos seus elementos. Vejamos no exemplo (4):

(4)

| <b>TRANSITIVO</b> | <b>COMPLEMENTO</b>    |                                    |
|-------------------|-----------------------|------------------------------------|
| Direto            | Direto                | Não recebo <i>dinheiro</i> nenhum. |
|                   | Direto Preposicionado | Não amo <i>a ninguém</i> , Pedro.  |

|                   |   |   |
|-------------------|---|---|
| Indireto          | Indireto                                | Duvidava <i>da riqueza da terra</i> .   |
| Direto e Indireto | Direto + Indireto;<br>Direto + Relativo | Apenas <i>lhe aconselho prudência</i> . |

Além dos transitivos e intransitivos, há ainda aqueles que se juntam aos verbos principais formando uma locução verbal [verbo auxiliar + verbo principal], estes são chamados de verbos auxiliares, pois, não têm significação plena precisando juntar-se as formas nominais de um verbo principal para ter significação plena. Quanto à função, os verbos principais são significativos enquanto os verbos auxiliares são não-significativos, exigindo assim outro elemento para que complete a predicação. Vale destacar que somente os verbos significativos constituem o predicado num Sintagma Verbal (SV).

### 2.3. EVANILDO BECHARA

Vê-se na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009), que os verbos são categorias gramaticais que expressam um significado lexical, dispondo de todas as condições morfológicas de gênero, número, pessoa, tempo e modo. Distinguem-se entre nocionais e relacionais e formam-se os chamados predicados verbais e nominais, respectivamente.

Contudo, para este autor, não vale a pena distinguir predicado verbal de predicado nominal, uma vez que o núcleo de um predicado é sempre um verbo que expressa um significado lexical, seja ele transitivo ou intransitivo ou até mesmo verbo de ligação. Bechara afirma em sua gramática que, a distinção de um predicado verbal para um nominal é uma preocupação que parte de alguns linguistas modernos, porém, em seu ponto de vista, trata-se de classificações meramente irrelevantes, pois, são mais explicações semânticas que sintáticas.

E ainda critica esse posicionamento sustentando que os verbos relacionais em nada se diferem dos verbos nocionais, pois todos eles carregam o significado lexical em sua forma. Nesse sentido, todos os verbos, tanto nocionais quanto relacionais, possuem os morfemas de pessoa e número, são núcleos de seus respectivos predicados e concordam com os sujeitos oracionais. A principal diferença que pode haver entre tais é a extensão semântica do conteúdo léxico, dependendo do verbo, pode ser necessário ou não o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta.

Para ele, há uma relação muito próxima entre o predicativo e o complemento direto: ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionam como seu delimitante e aparecem imediatamente sem preposição à direita do verbo. Foram tais características que o levaram a dizer que não há distinção entre o predicado verbal, nominal e até mesmo verbo-nominal, pois, toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo. E do ponto de vista funcional e formal, tanto os verbos com extensão do signo léxico quanto os verbos que têm esvaziamento do signo léxico, apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, tais como os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo, fazendo com que relacionem os termos regidos ao sujeito dos predicados.

Diante dessa perspectiva, somente os verbos auxiliares não se incluem nessas classificações, pois, eles não carregam um significado lexical independente do verbo principal. Os verbos auxiliares, por não ter um significado lexical capaz de formar um predicado, constituem as locuções verbais formadas a partir da combinação de um verbo auxiliar com um verbo principal, que aparece em sua forma nominal, seja infinitivo, gerúndio ou particípio. Vale destacar que somente os auxiliares recebem a flexões de pessoa, número, tempo e modo.

Podemos observar nessa gramática que a predicação verbal de uma oração é formada mediante o conteúdo léxico do verbo, se este é de grande extensão semântica pode necessitar do auxílio de outros signos léxicos (5). Os verbos que solicitam termos argumentais ou complementos para que haja a delimitação semântica e componha o predicado complexo são chamados de transitivos. Se o verbo já apresenta significado lexical referente a realidades bem concretas e não necessita de outros signos léxicos, são chamados, portanto, de verbos intransitivos, os quais formam o predicado simples.

(5)

| <b>INTRANSITIVO</b>       | <b>TRANSITIVO</b>                 |
|---------------------------|-----------------------------------|
| Ele não <i>trabalha</i> . | Eles <i>precisam de socorro</i> . |

Bechara faz um adendo sobre a oposição absoluta entre os verbos intransitivos e os verbos transitivos. Para ele, um mesmo verbo pode ser usado diferentemente conforme a realidade comunicativa. Nesse sentido, declara que a transitividade verbal pode adquirir especial matiz semântico, pertencendo mais ao léxico do que à gramática (Já não *bebe*/'abandonou o alcoolismo').

Bechara aborda em sua gramática que o predicado complexo é composto por argumentos determinantes. A princípio, os termos argumentais ou termos regidos, ou ainda, complementos, são àqueles ligados ao núcleo verbal e que aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo. E ainda, os termos argumentais são condicionados pelas características sintáticas e semânticas de regência do termo regente. Se ele é exigido, a sua ausência prejudica a estrutura sintática e semântica da oração de modo que não pode ser eliminado. Todavia, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante, desde que a informação sobre si possa ser por meio de outros elementos linguísticos ou extralinguísticos (*Assistimos ao jogo./ Assistimos a ele.*).

Assim, os tipos de argumentos por ele classificados são: complemento direto ou objeto direto, complemento relativo e complemento objeto indireto.

O objeto direto é o complemento verbal representado por um signo léxico de natureza substantiva e não introduzido por preposição. Ele vem à direita do verbo e pode passar da voz ativa para a voz passiva de modo que o sujeito passa a ser o agente da passiva introduzido pela preposição por. Dentro do complemento direto podemos ter ainda um objeto direto preposicionado, no qual a preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento.

Já o *complemento relativo* é um termo argumental preposicionado. Segundo o gramático, a definição se assemelha a do objeto direto, mas, se distingue na medida em que a preposição faz a extensão do signo léxico verbal.

Quanto ao *objeto indireto*, trata-se de um complemento verbal inserido num predicado complexo e introduzido apenas pela preposição *a*. Ele é composto por signos léxicos os quais denotam um ser animado ou concebido como tal, além do mais, expressa o significado gramatical de “beneficiário” e de “destinatário”. Para Bechara, o complemento indireto é o termo argumental que mais se distancia da delimitação semântica. Isto ocorre porque, a seu ver, trata-se de um elemento adicional da intensão comunicativa ou circunstâncias do discurso. O objeto direto é visto como um argumento sintático-semântico extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado, o qual é exercido pelos verdadeiros complementos verbais que são o objeto direto e o complemento relativo. Vejamos em (6):

(6)

| TRANSITIVO | COMPLEMENTO                     |  |
|------------|---------------------------------|--|
| Direto     | Direto<br>Direto Preposicionado | Os vizinhos não viram <i>o incêndio</i> .<br>Amar <i>a Deus</i> sobre todas as coisas. |

|          |                                      |  |
|----------|--------------------------------------|--|
|          | Preposição como Pósverbo<br>Relativo | Fiz <i>com que</i> ele viesse.<br>Poucos assistiram <i>ao concerto</i> |
| Indireto | Indireto                             | O diretor escreveu cartas <i>aos pais</i> .                            |

Consoante Bechara, além dos complementos supracitados, há ainda o complemento predicativo que é outro tipo de argumento verbal que integra o predicado complexo. Entretanto, por ser mediado pelo verbo de ligação, copulativo ou relacional, e não por um verbo que rege argumentos, o seu signo léxico encontra-se no complemento predicativo, que constitui os predicados nominais.

Com relação aos verbos de ligação, Bechara coloca que são sobremaneira esvaziados de signo léxico e se caracterizam por uma referência muito vaga à realidade comunicativa. Seu aspecto semântico o faz portador de referência a traços essenciais do sujeito, se equivalendo a predicados atributivos. Assim, o seu signo léxico se estabelece no complemento predicativo que o relaciona ao seu sujeito.

## **CAPÍTULO 2**

### **A LINGUÍSTICA MODERNA E A CONCEPÇÃO DE PREDICAÇÃO VERBAL**

Como referido no capítulo anterior, as gramáticas normativas definiram que a predicação verbal consiste apenas na distinção entre os verbos significativos e não-significativos. Dessa forma, os transitivos e os intransitivos estão para os verbos significativos, pois, constituíam núcleos de predicado exigindo determinados complementos; enquanto que os verbos de ligação e os verbos auxiliares pertencem ao grupo dos não-significativos, pois, não constituem núcleos de predicado.

Traremos nessa seção uma amostra da interação entre o léxico e a sintaxe no que diz respeito à categoria verbal e suas respectivas classificações, de acordo com a perspectiva gerativa, dando prioridade aos verbos monoargumentais do Português Brasileiro, especificamente, à classe dos verbos inacusativos.

#### **2.1. OS INACUSATIVOS E OS INERGATIVOS**

A linguística moderna trouxe novas perspectivas com relação à predicação verbal incluindo como parte dos verbos significativos outra categoria como proposta de análise para a sentença, falamos aqui da categoria dos verbos inacusativos, também chamado de verbos ergativos.

Partindo de critérios sintáticos, as análises linguísticas concentram-se na seleção do argumento, isto é, na estrutura dos constituintes do Sintagma Verbal. A predicação verbal é, portanto, compreendida segundo as propriedades dos verbos e como estes se comportam numa sentença. Além disso, a predicação verbal é classificada mediante a interação entre o léxico e a sintaxe. Acrescenta-se ainda que as teorias linguísticas utilizam-se tanto de critérios sintáticos quanto de critérios semânticos para que se cheguem às devidas conclusões.

A noção de predicação, nesse ponto de vista, passa a ser entendida a partir da ideia de léxico e de itens lexicais. Conforme Lunguinho, Resenes e Negrão (2012), a gramática interna de uma língua é composta por um léxico que pode organizar os itens lexicais em: categorias

funcionais e categorias lexicais. A primeira categoria engloba uma lista limitada de itens lexicais os quais apresentam apenas o conteúdo linguístico ou o significado gramatical; fazem parte das categorias funcionais: os determinantes, a flexão verbal, os complementizadores (conjunções), as preposições e o aspecto. As categorias lexicais, por sua vez, são classes abertas portadoras de informações extralinguísticas, elas são capazes de selecionar semanticamente outros constituintes com os quais se combinam para a formação das sentenças, destaca-se nessa classe: os nomes, os adjetivos, os advérbios e os verbos.

Assim sendo, tanto os verbos transitivos quanto os intransitivos e os inacusativos situam-se dentro das categorias lexicais, estabelecendo possíveis relações entre o léxico e a sintaxe por conta da natureza lexical de tais verbos e de seus argumentos selecionados. A grade argumental é também um fator relevante para essa categoria sintática, pois o núcleo lexical, além de selecionar argumentos, define o tipo de papel temático que cada argumento do verbo recebe. Em outras palavras:

O conteúdo extralinguístico que as categorias lexicais trazem para uma sentença se relaciona com a noção intuitiva de cena que a sentença descreve. [...] essa relação semântica (núcleo lexical e argumento) vai determinar o tipo de papel semântico que o argumento desempenhará nessa cena, um papel temático. (LUNGUINHO, RESENES & NEGRÃO, 2012: 137)

Elizeu em 1984, contrapondo os pressupostos básicos estabelecidos pela tradição gramatical, faz observações que vão de encontro aos critérios de classificação que foram adotados com relação às categorias funcionais sujeito e objeto direto e às noções de construção transitiva ou intransitiva. Segundo este autor, os pressupostos tradicionalmente adotados são vistos como problemáticas de análise da estrutura da Língua Portuguesa sendo insuficiente manter essa descrição habitual.

O principal motivo dessa discussão baseia-se na distinção observada entre os complementos dos verbos monoargumentais. Conforme Elizeu, existe em Português a classe dos verbos inacusativos cuja seleção argumental exige apenas um único argumento interno. Por ter somente um argumento, as gramáticas tradicionais comumente chamam esses verbos de intransitivos, porém, os inacusativos não podem ser intransitivos uma vez que selecionam um argumento interno, enquanto que os intransitivos selecionam apenas um argumento externo.

Dada à diferença, Elizeu expõe que as construções inacusativas numa língua acusativa, como é a língua Portuguesa, permitem realocar e redefinir os pressupostos básicos que foram

estabelecidos como caracterização universal. Para isto, surge uma nova classificação tipológica dos verbos em português: transitivos, inergativos e inacusativos.

Nascimento (2014), em seu artigo *Os verbos inacusativos do Português Brasileiro: uma proposta de categorização*, coloca que o fenômeno da inacusatividade se manifesta de modo bastante diferente nas línguas naturais ergativas e nominativas. Nas línguas ergativas, o único argumento de um verbo inacusativo é tido como objeto direto e marcado por caso absoluto. Já nas línguas nominativas, como é o caso do Português, o único argumento de um verbo inacusativo é tido como sujeito e marcado pelo caso nominativo.

E o que são os verbos inacusativos? São verbos que ocorrem em construções “intransitivas” e cujo constituinte nominal é o sujeito das orações. Esse sujeito pode ser objeto, tipicamente o objeto direto dos verbos transitivos, porém, não recebe caso acusativo; além do mais, não pode ser interpretado como um agente da sentença, como se espera da posição de argumento externo realizada pelo sujeito, por causa do seu argumento interno. Além dessas especificações, os verbos inacusativos compartilham propriedades comuns ora com verbos transitivos ora com verbos intransitivos e também podem ocorrer em pares de construções transitivas/intransitivas (ELIZEU, 1984). Vejamos isso exemplificado em (7):

- (7) a. O governo *aumentou* os impostos.  
b. Os impostos *aumentaram*.

Duarte (2003) analisando os verbos inacusativos distingue-os dos verbos inergativos da seguinte maneira: enquanto os inacusativos selecionam apenas um único argumento interno, tipicamente o objeto direto das estruturas transitivas, que ocorre na posição de sujeito, os inergativos selecionam um único argumento externo que, também, ocorre com a relação gramatical de sujeito. No exemplo (8) que se segue, podemos ver a diferença que se estabelece entre esses predicadores monoargumentais e os seus argumentos:

(8)

| <b>INERGATIVOS</b>                        | <b>INACUSATIVOS</b>                             |
|---|---|
| Ela <i>sorriu</i> .                       | A vítima do acidente <i>desmaiou</i> .          |
| O meu sobrinho mais novo já <i>anda</i> . | As rosas já <i>floriram</i> .                   |
| As crianças <i>dormem</i> .               | O chefe local do carte da droga <i>morreu</i> . |
| O bebe <i>espirrou</i> .                  | O bebe <i>adormeceu</i> .                       |

Isto posto, Ciríaco e Cançado (2014) acreditam que as classificações acima não devem ser tão categóricas. Propondo uma classificação mais flexível, as autoras sugerem classificar os monoargumentais a partir da noção de prototipicidade. Para elas, existem verbos inacusativos e inergativos prototípicos que exibem todas as propriedades necessárias para caracterizá-los como tal. Há também outros inacusativos ou inergativos menos prototípicos que apresentam comportamento misto quanto à inacusatividade/inergatividade, apresentando propriedades de ambas as classes. Em outras palavras:

A noção de prototipicidade está associada à ideia de que uma determinada categoria possui um (ou mais de um) membro central e, também, outros membros mais ou menos periféricos. Esses membros periféricos ocupam uma região de intersecção entre os dois membros centrais de duas categorias distintas, possuindo características de uma e de outra. [...] Ainda, nessa perspectiva, Cançado mostra que o que classificará um elemento como sendo de uma determinada classe ou categoria é a quantidade de propriedades que ele possui dessa classe. Ao nos depararmos com um elemento que apresenta características de uma e de outra classe, ele pertencerá àquela da qual ele possui mais características. (CIRÍACO & CANÇADO, 2004, p.211-212)

Nesse sentido, assumem que a inacusatividade não pode ser tratada estritamente a partir de generalizações sintáticas porque estas não são suficientes, mas, é necessário considerar relevante as generalizações semânticas envolvidas na distinção dos verbos monoargumentais.

## 2.2. AS PROPRIEDADES DOS VERBOS MONOARGUMENTAIS

Sabemos, então, que os verbos se enquadram na categoria lexical, isto é, os verbos são núcleos lexicais que selecionam para si um dado argumento formando uma sentença. O exemplo (9), baseado nos apontamentos trazido por Elizeu (1984), Lunguinho, Resenes & Negrão (2012), apresenta um esquema tipológico sobre a quantidade de argumentos que os verbos do português selecionam e qual a natureza desses argumentos:

(9)

| VERBO             | QUANTIDADE DE ARGUMENTO(S) | ARGUMENTO |
|-------------------|----------------------------|-----------|
| Transitivo Direto | 2                          | AE+ AI    |

|                              |   |                         |
|------------------------------|---|-------------------------|
| Transitivo Indireto          | 2 | AE + AI(PP)             |
| Transitivo Direto e Indireto | 3 | AE + AI(DP/NP) + AI(PP) |
| Intransitivo                 | 0 | -                       |
| Inergativo                   | 1 | AE                      |
| Inacusativo                  | 1 | AI                      |

LEGENDA: V: verbo - AE: Argumento Externo - AI: Argumento Interno  
 DP: Sintagma Determinante - NP: Sintagma Nominal - PP: Sintagma Preposicional

Pode-se ver no esquema acima que os verbos inacusativos também fazem parte do quadro verbal do PB, segunda a concepção da linguística moderna. Assim como os inergativos, eles são monoargumentais, entretanto, o seu argumento selecionado é interno. Considerando essas peculiaridades, faz-se necessário destacar quais são as propriedades dos verbos monoargumentais e de que forma eles se diferenciam a ponto de ser definidos como verbo inergativo e como verbo inacusativo.

Duarte (2003) explica que as principais propriedades dos verbos inacusativos podem ser o resultado de características idiossincráticas, do fato de o verbo, escolhido ser inacusativo (10) ou ser o efeito de processos sintáticos ou morfossintáticos que inacusativizam um verbo transitivo (11).

(10). Os miúdos *chegaram*.

(11) A traineira *afundou-se* ao lago do Cabo Espichel por causa do temporal.

No tocante a inacusativização de um verbo transitivo, Duarte vai de encontro à hipótese de Elizeu, o qual entende que as formas transitivas se derivam a partir de formas inacusativas, não tendo a possibilidade de um verbo transitivo se tornar inacusativo ou inergativo (ELIZEU, 1984: 98).

Nascimento (2014), em concordância com Elizeu, demonstra que existe uma direção de alternância entre duas estruturas argumentais em que inacusativos derivam transitivos. Para isto, a direção desse processo só é possível quando a alternância promover o Sintagma Preposicional para a posição de argumento externo, de tal forma que a preposição desaparece. Vejamos os exemplos (12) e (13). Segundo a autora, este é um processo que nunca ocorre com os inergativos, mas, é um fenômeno que acontece somente com os inacusativos.

(12) a. *Bate sol* nesta casa.

b. Esta casa *bate sol* .

- (13) a. *Cresceu* o dentinho do nenê  
b. O nenê *cresceu* o dentinho.

Entretanto, levando adiante a perspectiva de Burzio, de que “a forma ergativa é derivada da forma transitiva através de um processo lexical que as relaciona segundo o princípio referido como *Do not assign a thematic role ‘to the subject’* [...]” (ELIZEU, 1984 *apud* BURZIO, 1981), Nascimento subdivide os inacusativos em dois tipos, são eles: os inacusativos primitivos, que não derivam de uma estrutura transitiva, e os inacusativos derivados, sendo aqueles que derivam de verbos transitivos por meio da supressão do argumento externo. O exemplo (14) traz essa relação dos inacusativos derivados:

- (14) a. O João *esvaziou* a caixa d’água.  
b. A caixa d’água (se) *esvaziou*.  
c. \*O João (se) *esvaziou*.

Percebem-se aqui algumas divergências quanto aos verbos inacusativos. A problemática levantada busca compreender se os inacusativos advêm dos transitivos ou se são os transitivos que advêm dos inacusativos. Tentar responder tais questões não é o objetivo do nosso trabalho. Vamos, portanto, aos testes empíricos encontrados na literatura. Esses testes apoiam-se em critérios sintáticos e semânticos e nos permite alargar a noção sobre as propriedades dos verbos monoargumentais.

## 2.3 TESTES SINTÁTICOS

Elizeu evidencia que os inacusativos têm algumas propriedades comuns com os verbos transitivos, mas também têm afinidades com os verbos intransitivos. Contudo, apesar de estarem inter-relacionados, não podem ser considerados nem como transitivos nem como intransitivos, pelo fato de os inacusativos serem verbos monoargumentais que selecionam apenas um argumento interno e, portanto, comportam de modo diferente dos transitivos e dos intransitivos.

Observemos o contraste entre as estruturas transitiva (15.a) e intransitiva (15.b). Enquanto em (15.a) temos a presença de dois constituintes nominais, sendo um argumento externo e o outro argumento interno, em (15.b) não há possibilidade de ocorrência de mais do que um constituinte nominal, que é o argumento externo:

- (15) a. Aquele homem *viu* o acidente.  
b. A Joana *bocejou*.

Verificadas as diferenças, vemos em (16) a principal propriedade para o diagnóstico de inacusatividade: o Particípio Absoluto. Os verbos inacusativos se aproximam dos verbos transitivos quando o sujeito desses predicadores comporta-se como um argumento interno, podendo ocorrer na construção particípio absoluto, tal como os objetos diretos dos verbos transitivos. Percebamos no exemplo que se segue:

(16)

|                    |   |
|--------------------|---|
| <b>INACUSATIVO</b> | <i>Falida a fábrica</i> , os operários ficaram no desemprego. |
| <b>TRANSITIVO</b>  | <i>Reparado o automóvel</i> , continuamos a viagem.           |
| <b>INERGATIVO</b>  | * <i>Soluçada a Joana</i> , os pais telefonaram ao médico.    |

A outra propriedade destacada traz que as formas participiais dos inacusativos têm propriedades comuns com os particípios dos verbos transitivos. Assim, eles podem ocorrer na construção do particípio absoluto em posição predicativa (17) e em posição atributiva (18):

(17) Posição predicativa:

|                    |  |
|--------------------|--|
| <b>INACUSATIVO</b> | As meninas crescidas não choram.               |
| <b>TRANSITIVO</b>  | As soluções encontradas não são satisfatórias. |
| <b>INERGATIVO</b>  | *Os atletas estão corridos.                    |

(18) Posição atributiva:

|                    |   |
|--------------------|---|
| <b>INACUSATIVO</b> | A Maria está crescida.                                |
| <b>TRANSITIVO</b>  | A solução está encontrada.                            |
| <b>INERGATIVO</b>  | *Os atletas corridos foram homenageados pelo governo. |

Sobretudo, Duarte esclarece que os *verbos inacusativos de movimento* não admitem a posição predicativa nesse tipo de construção. Observe os exemplos mostrados em (19).

- (19) a. \*O João está *chegado*.  
b. \*Os atletas estão *idos*.

Sabendo que há uma relação de proximidade entre os predicadores inacusativos e os transitivos, Duarte nos traz mais uma propriedade: o sujeito de um verbo inacusativo pode ser

substituível pela forma nominativa do pronome pessoal (20), assim como acontece com os sujeitos de verbos transitivos. O exemplo abaixo compara e mostra que os verbos inergativos não aceitam o uso do pronome pessoal.

(20)

| INACUSATIVO                                       | INERGATIVO                                 |
|---|--|
| Eles <i>chegaram</i> .<br>* <i>Chegaram-nos</i> . | Ele <i>nasceu</i> .<br>* <i>Nasceu-o</i> . |

O sujeito de um verbo inacusativo também desencadeia concordância verbal (21). Duarte (2003 *apud* PELMUTTER, 1983), fala que essas construções inacusativas *impessoais* admitem mais facilmente do que as correspondentes intransitivas, nomes simples como sujeitos e constituem um dos dois únicos contextos em que, num estilo coloquial, se observam violações de concordância sujeito-verbo. Outros exemplos podem ser vistos em (22), (23):

(21)

| INACUSATIVO           | INERGATIVO                           |
|-----------------------|--------------------------------------|
| *Eles <i>chegou</i> . | *Nós <i>nasceu</i> no dia 1 de Maio. |

- (22) a. É verdade que *existem* problemas.  
b.? É verdade que *trabalham* mulheres.

- (23) c. (?) *Ardeu* muitas fábricas.  
d.(?) *Nadou* muitos atletas.

Duarte destaca como propriedade sintática a alternância causativa desses verbos. Os verbos *inacusativos de mudança de estado devida a causa externa* é uma subclasse dos inacusativos que apresenta uma variante inacusativa e uma variante transitiva. Veja em (24) e (25) que os argumentos internos da variante causativa (*a manteiga* e *a porta*) ocorrem como sujeitos das formas inacusativas e o argumentos externos da variante causativa (*a Maria* e *o João*) não está disponível na variante inacusativa nem mesmo sob a forma de agente implícito.

- (24) a. A Maria *derreteu* a manteiga.  
b. A manteiga *derreteu*.

- (25) a. O João *abriu* a porta.

b. A porta *abriu-se*.

Os verbos *inacusativos* que denotam eventos com causa interna são, pelo contrário, verbos não agentivos, ou seja, que não possuem uma variante causativa (26). Exceto nos casos em que só podem ser utilizados com uma interpretação causativa em construções sintáticas complexas (27).

(26) a. A Maria *empalideceu*.

b. As rosas já *floriram*.

(27) a. O susto fez a Maria *empalidecer*.

b. A temperatura amena já fez *florir* as rosas.

Tais subclasses, do ponto de vista semântico, se distinguem pelo fato de que, os de causa externa são de alternância causativa, e os de causa interna, são não-agentivos.

Outra variante inacusativa desse verbo monoargumental diz respeito aos *verbos inacusativos de movimento*. Essa variante restringe a argumentos internos diretos com o requisito de animacidade (28). Esses verbos de movimento são aqueles que não denotam mudança de estado. Comparemos esses exemplos:

(28) a. A menina sentou a boneca.

b. \*A boneca sentou-se.

c. A menina sentou-se.

Além dessas propriedades, Elizeu (1984) aborda que as construções inacusativas podem ocorrer em pares de construções transitivas/intransitivas, isto é, a relação entre o verbo e o sujeito da forma intransitiva é a mesma que existe entre o verbo e o objeto direto, na forma transitiva. Vejamos em (29) e (30):

(29) a. A Marinha suíça *afundou* o barco.

b. O barco *afundou-se*.

(30) a. O governo *aumentou* os impostos.

b. Os impostos *aumentaram*.

Agora, pois, vejamos quais são as afinidades que os verbos inacusativos têm com os intransitivos.

A princípio, eles não admitem a voz passiva, como aponta o exemplo (31):

(31)

|                    |                                     |
|--------------------|-------------------------------------|
| <b>INACUSATIVO</b> | *A Maria <i>foi crescida</i> .      |
| <b>TRANSITIVO</b>  | A solução <i>foi encontrada</i> .   |
| <b>INERGATIVO</b>  | *Os atletas <i>foram corridos</i> . |

Os verbos monoargumentais, diferentemente dos transitivos, não admitem também a partir de sua forma verbal a formação de adjetivos em *-vél*, como ocorre em (32) e (33). Esses predicadores têm um único argumento nuclear, e por isso, não é impossível a formação de adjetivos em *-vel*.

(32)

|                    |                    |
|--------------------|--------------------|
| <b>INACUSATIVO</b> | * <i>crescível</i> |
| <b>TRANSITIVO</b>  | <i>reparável</i>   |
| <b>INERGATIVO</b>  | * <i>corrível</i>  |

- (33) a. O Pedro *resolveu* o problema.  
 b. O problema é *resolúvel*.  
 c. \*O Pedro é *resolúvel*

também os inacusativos não aceitam a formação de nominais que envolvem o sufixo agentivo *-or*, pois, a estrutura não permite argumento externo, mas argumento interno que não pode ser um agente. Entretanto, há ocorrências no caso dos transitivos e intransitivos. Assim temos:

(34)

|                    |   |
|--------------------|---|
| <b>INACUSATIVO</b> | * <i>caídor</i> ; * <i>crescedor</i> ; * <i>falidor</i> ; ...                     |
| <b>TRANSITIVO</b>  | <i>Agressor</i> ; <i>emissor</i> ; * <i>sentidor</i> ; * <i>encontrador</i> ; ... |
| <b>INERGATIVO</b>  | * <i>corredor</i> ; <i>falador</i> ; * <i>ridor</i> ; * <i>mentidor</i> ; ...     |

- (35) a. O Luiz é *construtor*.  
 b. O barco é *construtor*.

Uma das propriedades sintáticas trazida e criticada por Ciríaco e Cançado (2004) concerne à posposição como evidência de inacusatividade. Para elas, essa concepção é bastante problemática uma vez que existem verbos que não se comportam como o esperado

(36). Espera-se, então, que os inacusativos aceitem mais naturalmente a posposição, em contraste com os inergativos.

(36)

| <b>INERGATIVO</b>                    | <b>INACUSATIVO</b>                      |
|--------------------------------------|---|
| <i>Saiu</i> um menino lá da sala.    | <i>Adoeceu</i> uma criança na escola.   |
| ? <i>Falou</i> um menino logo ali.   | <i>Apareceu</i> uma flor no meu jardim. |
| ? <i>Nadou</i> um menino na piscina. | ? <i>Suava</i> o trabalhador em Bicas.  |

Além da posposição, a indeterminação do sujeito é, segundo as autoras, uma propriedade sintática restrita a verbos que selecionam um argumento externo. Nesse sentido, é de se esperar que a indeterminação seja aceita apenas pelos verbos inergativos e não pelos inacusativos. Entretanto, é possível visualizar que alguns desses verbos apresentam um comportamento misto (37).

(37)

| <b>INERGATIVO</b>   | <b>INACUSATIVO</b>  |
|---|---|
| a. * Saíram muito lá de casa ontem à noite.<br>b. * Saiu-se muito lá de casa ontem à noite. | a. * Adoeceram de dengue na cidade.<br>b. ? Adoeceu-se de dengue na cidade. |
| a. Falaram muito de você aqui.<br>b. Falou-se muito de você aqui.                           | a.* Brotaram no meu jardim.<br>b.* Brotou-se no meu jardim.                 |
| a. Nadaram muito ontem no clube.<br>b. Nadou-se muito ontem no clube.                       | a. Caíram lá em cima.<br>b. * Caiu-se lá em cima.                           |

Por fim, os exemplos supracitados buscam atestar que os verbos inacusativos se distinguem dos verbos inergativos, uma vez que apresentam comportamentos sintáticos de acordo com a natureza de seus argumentos, ora se assemelhando aos transitivos ora se aproximando dos intransitivos; Sobretudo, há ainda aqueles que apresentam um comportamento misto cuja distinção entre inergativos e intransitivos basear-se-á na predominância das propriedades sintáticas de seus argumentos.

### 3.4. TESTES SEMÂNTICOS

Ciríaco e Cançado consideram que a distinção entre inacusatividade e inergatividade também é semanticamente determinada e que algumas dessas propriedades compoõem os

papéis temáticos dos verbos. Essas propriedades se resumem em: *ser desencadeador de um processo e ser afetado por esse processo*. Partindo da definição de papel temático e utilizando uma proposta mais formal e flexível para tais situações, Ciríaco & Cançado (2004 *apud* Cançado 2003, 2005b) nos traz:

- a. são noções primitivas, mas se definem como o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição na qual esse argumento se encontra”.
- b. o papel temático de um argumento é exatamente o grupo de propriedades a ele atribuídas a partir da composição de sentidos dos itens lexicais da sentença em que esse papel temático encontra-se.

As propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos dos verbos monoargumentais relacionam-se à rede temática. A primeira propriedade é o *desencadeador*: propriedade acarretada pelo verbo quando o argumento possui algum papel no desencadear do processo, e a última propriedade, portanto, é o *afetado*: propriedade de mudança de estado acarretada pelo verbo a seu argumento, isto é, se o verbo acarretar mudança de um estado A para um estado B a um argumento, este será associado à propriedade de afetado.

Para exemplificar essa perspectiva das autoras, temos em (38) que João pode ser analisado como agente/tema tendo como papel temático o grupo de propriedades *ser um desencadeador do processo*, cujas características agentivas permitem que ele tenha controle sobre esse processo e iniciativa no processo, e, *ser afetado por esse processo*, pois ele mesmo desencadeia a mudança de um estado A para um estado B. Nesse sentido, na estrutura inacusativa (38.a), o papel temático do argumento do verbo *chegar* é um tema, pois, foi afetado pelo processo. Em (38.b), no entanto, a estrutura intransitiva permite que o papel temático do argumento do verbo *correr* pertença ao grupo de propriedades de desencadeador e afetado, sendo agente/tema ao mesmo tempo.

- (38) a. João *chegou* de repente.  
b. João *correu* ontem.

Todavia, elas ressalvam que essa abordagem não fere o *Critério Theta*, proposto por Chomsky, pois, cada argumento está recebendo somente um papel temático, mas, um único papel temático pode ser um grupo de propriedades, ou seja, nada impede que um desencadeador (quem corre desencadeia a ação de correr) seja também afetado por esse processo.

Assim, colocam que o definidor entre os inacusativos e os intransitivos será marcado pela existência da propriedade temática de *desencadeador*. De modo que, verbos monoargumentais que apresentem o desencadeador como uma das propriedades do papel temático de seu argumento terá uma natureza mais intransitiva. Veja:

- (39) a. João *saiu*.  
 b. João *dançou*.
- (40) a. A menina *adoeceu* de dengue.  
 b. Uma roseira *brotou* no jardim.

Em (39.a), o argumento externo é o desencadeador do processo, já em (39.b) pode-se afirmar também que *João* é afetado no processo verbal *dançar*, pois ele mesmo desencadeia nele uma mudança de um estado A para um estado B. Dessa maneira, *João* recebe o papel temático desencadeador/afetado. As observações das autoras concluem que os verbos com características inacusativas tem somente um argumento afetado, mas não um desencadeador do processo (40).

A segunda propriedade semântica analisada por Ciríaco & Cançado (2004, *apud* VENDLER, 1967) consiste em adicionar a expressão *por x minutos* à sentença, buscando verificar a natureza aspectual de um predicado e a propriedade semântica desse aspecto, como uma forma possível para distinguir os verbos inergativos dos inacusativos. Observemos:

(41)

| INERGATIVO                           | INACUSATIVO  |
|--------------------------------------|--|
| O João cantou <i>por 15 minutos</i>  | * A menina adoeceu de dengue <i>por 15 minutos</i> .   |
| O João pulou <i>por 15 minutos</i> . | * Uma roseira brotou no jardim <i>por 15 minutos</i> . |

Em (41) vemos que os verbos inergativos são desencadeadores e aceitam a expressão *por X minutos*, nesse sentido, são também, considerados como verbos de atividade. Esses verbos de atividade caracterizam-se pela referência ao tempo transcorrido desde o início do evento. Eles trazem um aspecto durativos e não visam a alcançar o ponto final ou meta do evento, além disso, podem exprimir uma leitura repetitiva.

Os inacusativos por sua vez, não são desencadeadores do processo e, por isso são considerados como verbos de *achievements*, pois, são verbos pontuais não durativos que se referem apenas ao ponto final de um evento.

## CAPÍTULO 3

### ANALISE DE DADOS

Ante o exposto, o presente capítulo baseia-se na análise de alguns participios tanto nominais quanto participios verbais. Entretanto, cabe ressaltar que, o ponto central da nossa discussão volta-se para as formas verbais que constituem predicados nominais em português. Os dados que se seguem foram coletados a partir de expressões empregadas em nossa linguagem cotidiana, sendo que algumas construções foram tiradas da internet, especificamente, do *Dicionário Informal On-line*, (Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>) e outras sentenças foram criadas.

Tem-se como objetivo neste capítulo averiguar, por meio de teste sintático, o que acontece com alguns participios que, em estruturas de predicação nominal *ser*, *estar* e *ficar*, transpõem o significado lexical do verbo correspondente, propondo uma interpretação metafórica. Sabe-se que o processo metafórico é estabelecido por meio de uma comparação, na qual há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro, como em (42). Numa perspectiva aristotélica, a metáfora é vista como um instrumento retórico usado, algumas vezes, para se obter determinados efeitos de sentido (CANÇADO, 2008).

- (42) a. O João está *enrolado* com a polícia.  
b. O João *enrolou* a polícia.  
c. O João *enrola* um objeto.

Ainda sobre as construções metafóricas, assume-se aqui que o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas e que as categorias mentais das pessoas são formadas a partir da sua experiência de crescer e agir em um mundo (CANÇADO, 2008). Assim, as sentenças propostas partem de expressões comumente usadas em nossa linguagem cotidiana, no entanto, podem ser compreensíveis ou não para alguns falantes.

Os dados apresentam construções transitivas, inergativas e inacusativas. Dando prioridade aos monoargumentais, que são os inergativos e os inacusativos, observamos que há casos de verbos que se constroem com participios e, portanto, o participio é bom, mas há

casos de verbos que se constroem com participípios que não são bons ou não eram esperados. Além disso, levando em conta as propriedades desses verbos e que eles podem se aproximar de verbos transitivos, veremos também que alguns participípios podem aparecer em construções com –se inacusativo.

### 3.1. OS PARTICÍPIOS V → VDO; VDO; V → VDO/ VDO

Inicialmente, observamos que os participípios podem ser divididos em duas possibilidades: a primeira inclui participípios que são derivados das formas verbais no infinitivo e transpõem o sentido do verbo correspondente, estes são representados como V → VDO (43). A outra possibilidade apresenta alguns participípios que já nascem como adjetivos e, portanto, não têm um verbo correspondente, estes são representados como VDO (43). Vejamos essas representações abaixo com os verbos *correr* e *chegar*:

- (43) a. Os dias estão *corridos*.  
 b. Os dias *correm*.
- (44) a. O João é *chegado* da família.  
 b. O João *chegou*.

Na sentença (43) podemos observar que o participípio *corrido* é um verbo inergativo que traz alguma informação do significado do verbo de base *correr* (43.b), isto é, alguém ou algo corre, conotando o sentido de algo que passa rapidamente, ligeiramente, com velocidade rápida ou de modo intenso. Já em (44.a), com o participípio nominal *chegado* não se pode fazer essa mesma relação, pois, este já se encontra em sua forma adjetival, não tendo um verbo corresponde, apesar de existir o verbo *chegar*.

Vejamos em (45) outros exemplos de participípios que acontecem somente como VDOs:

#### (45) PARTICÍPIOS VDOs QUE NÃO PARTEM DE UM VERBO DE BASE

|  |                  |
|--|------------------|
| O João está <i>frito</i> com ele.          | O João fritou... |
| Ele ficou <i>varrido</i> com essas ideias. | Ele varreu...    |
| O João é muito <i>tirado</i> .             | O João tirou...  |
| Essa chuva está <i>encorpada</i> .         | Ela encorpou...  |
| Este sapato está bastante <i>salgado</i> . | Ele salgou...    |
| Seus acessórios são <i>abusados</i> .      | Você abusa...    |

|                                  |                     |
|----------------------------------|---------------------|
| João é um bom partido.           | O João partiu...    |
| Aquela festa foi irada.          | Ela irou...         |
| Meu namorado é muito sarado.     | Meu namorado sarou. |
| Eu sou amarrada nesse batom.     | Eu amarrei...       |
| A vida é corrida.                | ...correu.          |
| Minha segunda-feira está sugada. | Ela sugou...        |
| Ele está quebrado, sem grana.    | Ele quebrou...      |

Os dados também apresentaram participípios que manifestam as duas possibilidades, tanto na forma verbal quanto na forma nominal, podendo ser representado da seguinte maneira:  $V \rightarrow VDO/ VDO$ . Nesse caso, eles aparecem como participípios derivados de um verbo de base e como adjetivos em determinadas construções. Veja:

- (46) a. Esse plano está bem *bolado*.  
b. O João está *bolado* sobre o assunto.  
c. O João *bolou* um bom plano.

Nas construções transitivas acima temos o participípio *bolado* que acontece como  $V \rightarrow VDO$  em (46.a) e como em VDO (46.b). Comparando à sentença (46.c), a sentença (46.a) traz uma ideia de que se trata de um plano bem desenvolvido, muito bom e bem articulado por um sujeito (O plano foi *bolado* por João). Nesse sentido, *bolado* aproxima-se à semântica do verbo “bolar”, o qual exige de alguém *fazer*, *atingir* ou *acertar* alguma coisa. Enquanto que na estrutura (46.b) o adjetivo *bolado* conota preocupação, chateação e revolta, características de seres animados. Nesse sentido, não temos um participípio derivado do verbo e nem aproximações no sentido do verbo *bolar*.

Ainda sobre os participípios que podem ocorrer como  $V \rightarrow VDO/ VDO$ , destacam-se aqui os participípios *morto* e *viajado* que se mostraram ambíguos nas construções (47) e (48). Eles trazem duas possíveis interpretações para a sentença. Em (47.a) pode-se pensar que a Maria de fato morreu, faleceu ou perdeu a vida, sendo, portanto, um  $V \rightarrow VDO$  que parte do sentido do verbo *morrer*. Entretanto, pode-se pensar também que a Maria está tão cansada que é como se estivesse morta, e então temos um participípio como adjetivo VDO. Da mesma forma acontece com o participípio *viajar*: a Maria faz muitas viagens ou gosta de viajar e nesse sentido, ela é uma pessoa viajada (48.a), cuja ideia é derivada do verbo *viajar*. A outra interpretação, no entanto, traz o sentido de que ela viaja nas ideias, isto é, ela imagina algo

que não condiz com a realidade, tem um pensamento incoerente e sem lógica. Podemos comparar com a sentença (48.b).

- (47) a. A Maria está *morta* de cansada  
b. A Maria *morreu*.

- (48) a. A Maria é *viajada* demais.  
b. A Maria *viajou*.

Diante dessas observações, trabalhamos com os seguintes particípios (49):

(49) CLASSIFICAÇÃO DOS PARTICÍPIOS DOS DADOS:

| V → VDO                  | VDO       | V → VDO / VDO                   |
|--------------------------|-----------|---------------------------------|
| Enrolar → enrolado       | Encorpada | Bolar → bolado/ bolado          |
| Lascar → lascado         | Frito     | Estourar → estourado/ estourado |
| Ferrar → ferrado         | Tirado    | Chegar → chegado/ chegado       |
| Queimar → queimado       | Salgada   | Sugar → sugado/ sugado          |
| Almoçar → almoçado       | Abusado   | Morrer → morta/ morta           |
| Comer → comido           | Varrido   | Amarrar → amarrado/ amarrado    |
| Agarrar → agarrado       | Partido   | Correr → corrido/ corrido       |
| Acabar → acabado         | Irado     | Viajar → viajada/ viajada       |
| Esgotar → esgotado       | Sarado    | Meter → metido/ metido          |
| Resolver → resolvido     |           | Quebrar → quebrado/ quebrado    |
| Explodir → explodido     |           |                                 |
| Esbagaçar → esbagaçado   |           |                                 |
| Despedaçar → despedaçado |           |                                 |
| Dar → dado               |           |                                 |
| Amadurecer → amadurecido |           |                                 |
| Aparecer → aparecido     |           |                                 |

### 3.2. O SENTIDO METAFÓRICO DE ALGUNS PARTICÍPIOS

Nota-se que alguns particípios compartilham um sentido metafórico comum entre si, podendo estabelecer relações de proximidade. Alguns deles podem ser usados como sinônimos, pois, conotam um mesmo sentido e uma mesma referencia contextual (50). Segundo Cançado (2008, *apud* Ilari & Geraldi, 1987), podemos dizer que duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa.

(50) APROXIMAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE PARTICÍPIOS VERBAIS E NOMINAIS:

| V → VDO  | VDO     | V → V-DO / VDO  | SENTIDO METAFÓRICO  |
|--|---------|---|---|
| Enrolar → enrolado<br>Lascar → lascado<br>Ferrar → ferrado<br>Queimar → queimado | Frito   |   | Encontra-se em situação difícil; em apuros; com problemas; com prejuízos. |
| Almoçar → almoçado<br>Comer → Comido   |         |   | Alimentar-se, fazer alguma refeição                                       |
| Acabar → acabado<br>Esgotar → esgotado   |         | Sugar → sugado/ sugado<br>Morrer → morta/ morta<br>Quebrar → quebrado | Cansado; desanimado; indisposto   |
| Explodir → explodido   |         | Bolado<br>Estourado   | Revoltar, chatear, irritado; nervoso; estressar;                          |
| Esbagaçar → esbagaçado<br>Despedaçar → despedaçado                               |         |   | Triste; ruim; abatido, arruinado;   |
|  | Varrido | Viajada   | Perdeu a razão; longe da realidade; louco                                 |
| Aparecer → aparecido   | Tirado  | Metido  | Exibido; orgulhoso; se acha superior aos outros; gosta de se mostrar      |

- (51) a. O João está *lascado*.  
b. O João se *lascou*.
- (52) a. O João está *ferrado* se for naquela esquina.  
b. O João se *ferrou* naquela esquina.
- (53) a. O João está *queimado* comigo.  
b. O João se *queimou* comigo.
- (54) O João está *frito* com ele.

Observa-se que os participios das sentenças acima trazem a noção de que alguém está passando por uma situação difícil, penosa, em apuros, ou se encontra em circunstâncias críticas ou é prejudicado por algum motivo. Além disso, vemos que se trata de construções inacusativas em que o sujeito “O João” é o argumento interno de todas elas.

Há ainda aqueles participípios que não têm nenhum ponto de proximidade com qualquer outro participípio, seja este resultante de sua forma verbal seja em sua forma inerente de adjetivo. Para exemplificar essa noção, vejamos aqueles que não estabelecem qualquer relação de sinonímia com outros participípios (55):

(55) PARTICÍPIOS COM OUTROS SENTIDOS METAFÓRICOS

| V → V-DO                 | V-DO      | V → V-DO / V-DO              |
|--------------------------|-----------|------------------------------|
| Agarrar → agarrado       | Encorpada | Bolar → bolado               |
| Resolver → resolvido     | Salgada   | Chegar → chegado/ chegado    |
| Dar → dado               | Abusado   | Amarrar → amarrado/ amarrado |
| Amadurecer → amadurecido | Partido   | Estourar → estourado         |
|                          | Irado     | Correr → corrido/ corrido    |
|                          | Sarado    | Viajar → viajada             |
|                          |           | Meter → metido               |
|                          |           | Quebrado                     |

### 3.3 A PREDICAÇÃO VERBAL DOS PARTICÍPIOS MONOARGUMENTAIS

Diante dessas observações, exploraremos especificamente aqueles participípios que são formados a partir de um verbo corresponde, isto é, nosso foco centra-se nos V → VDOs que constituem predicados nominais.

Os dados apresentaram participípios em construções inergativas, inacusativas e transitivas, no entanto, nossas análises voltam-se aos verbos monoargumentais. Para verificar o diagnóstico de inacusatividade, aplicamos o participípio absoluto a fim de tentar compreender como os participípios se comportam quando comparados às sentenças de base. Sabe-se que as construções em participípio absoluto são mais aceitas pelos inacusativos que pelos inergativos.

Considerando as propriedades dos verbos inacusativos, reparamos nos participípios *enrolado*, *lascado*, *ferrado*, *queimado*, *estourado*, *esbagaçado*, *despedaçado*, *quebrado* e *morta* que os argumentos internos são sujeitos que se comportam como objeto, tipicamente o objeto direto dos verbos transitivos. Além do mais, não pode ser interpretado como um agente da sentença, como se espera da posição de argumento externo realizada pelo sujeito nas construções inergativas. Os exemplos a seguir trazem esses participípios em construções de participípio absoluto, que é o diagnóstico mais preciso para a constatação da inacusatividade:

- (56) a. O João está *enrolado* com a polícia. (= 42.a)  
 b. \**Enrolado* o João, a polícia o prendeu.  
 c. O João *enrolou* a polícia.
- (57) a. O João está *lascado*. (= 51.a)  
 b. \**Lascado* o João, ele fugiu.  
 c. O João se *lascou*. (=51.b)
- (58) a. O João está *queimado* comigo. (=53.a)  
 b. \**Queimado* o João, ele foi demitido.  
 c. O João se *queimou* comigo. (=53. b)
- (59) a. O João está *ferrado* se for naquela esquina. (=52.a)  
 b. \**Ferrado* o João, ele foi para a esquina.  
 c. O João se *ferrou* naquela esquina. (52.b)
- (60) a. A música desse cantor está *estourada* em todas as rádios.  
 b. Estourada a música desse cantor, ele fez sucesso.  
 c. A música desse cantor *estourou* em todas as rádios.
- (61) a. A minha vida está *esbagaçada*.  
 b. Esbagaçada a minha vida, tive vontade de morrer.  
 c. A minha vida se *esbagaçou*.
- (62) a. O João está *despedaçado* com a traição.  
 b. \**Despedaçado* o João, ele chorou.  
 c. O João se *despedaçou* com a traição.
- (63) a. O João está *quebrado*.  
 b. \**Quebrado* o João, ele não saiu.  
 c. O João se *quebrou* todo.
- (64) a. A Maria está *morta* de cansada. (= 47.a)  
 b. \**Morta* a Maria, ela descansou.  
 c. A Maria *morreu*. (= 47.b)

Nos dados acima as sentenças (60) e (61) aceitaram mais tranquilamente construções com participio absoluto, enquanto que, para manter o sentido metafórico dos verbos participiais, as demais sentenças apresentaram um estranhamento. Os argumentos internos em (60) e (61) apresentaram traços semânticos [- animados] e, portanto, parece satisfazer a posição de objeto na oração. Já os participios em (56), (57), (58), (59), (62), (63) e (64)

selecionaram argumentos internos cujo traço semântico é [+ animado]: como “o João” e “a Maria”. Estes são sujeitos que ocorrem em posição de objeto.

Quando aproximamos esses participios inacusativos ao sentido denotativo dos verbos de base, que em sua maioria ocorre em construções transitivas, podemos perceber que há uma relação de troca de argumentos. Elizeu (1984) aponta que essas construções inacusativas podem ocorrer em pares de construções transitivas/intransitivas, isto é, a relação entre o verbo e o sujeito que está como argumento externo na forma inacusativa é a mesma que existe entre o verbo e o objeto direto, na forma transitiva. Comparemos o exemplo (63) à estrutura transitiva no exemplo (65):

- (65) a. O João *quebrou* a janela.  
b. A janela *quebrou-se*.  
c. O João *se quebrou*.

Em (65) temos uma estrutura transitiva com dois argumentos: o argumento externo “o João”, que exerce a função sintática de sujeito e é o agente da oração, e o argumento interno “a janela” que é o objeto. Aqui, o verbo *quebrar* traz o sentido de fragmentar, estar em pedaços e, nesse sentido, só pode ser quebrado algo ou alguma coisa que seja um objeto, como ocorre na sentença (65.b) com “a janela”, e não alguém cujo traço semântico é [+ animado], como “o João” em (65.c).

Entretanto, as sentenças (63.a) “O João está *quebrado*” e (63.b) “O João *se quebrou* todo” por serem inacusativas apresentam apenas um argumento interno. Ambas trazem a ideia de que alguém, isto é, o João se encontra numa situação difícil, talvez, machucado, cansado, debilitado, enfraquecido, com dores no corpo, enfim, sujeito a limitações por algum motivo. Para que o sentido metafórico do participio em (63) seja preservado, assim como nos demais participios apresentados anteriormente, o argumento interno precisa ser [+ animado], pois, quando é [- animado] o verbo não apresenta um sentido metafórico.

Quanto aos verbos inergativos, por predicarem um único argumento externo que ocorre na posição de sujeito sendo o agente da oração, é esperado que não aceitem o participio absoluto. Veja:

- (66) a. Os dias estão *corridos*.  
b. Os dias *correm*.  
c. \*Corridos os dias, ...

- (67) a. O bebê já está *comido*.

- b. O bebê já *comeu*.
  - c. \*Comido o bebê, ...
- (68) a. A Maria já está *almoçada*.
- b. A Maria já *almoçou*.
  - c. \*Almoçada a Maria, ...
- (69) a. A Maria é *viajada* demais.
- b. A Maria *viajou* demais.
  - c. \*Viajada a Maria, ...

Assim, vemos que em (66) o sujeito “os dias” aparece como um agente explícito na oração, apesar de ser personificado, isto é, o verbo *correr* seleciona como argumento externo um sujeito que é um agente com o traço semântico [+ animado], entretanto, “os dias” aparece como argumento externo, mas com característica de argumento interno.

Em (67), (68) e (69), os verbos *comer*, *almoçar* e *viajar* selecionam os argumentos externos “o bebê” e “a Maria” que também não aceitaram o particípio absoluto, como o previsto. No exemplo (69.c) vemos também que não há concordância verbal quando a sentença foi passada para o particípio absoluto.

Dentre os dados destacamos o verbo *aparecer* como um caso especial, quanto à sua predicação, pois, ele pode se apresentar tanto como inacusativo como inergativo.

- (70) a. O João está *aparecido* ultimamente.
- b. O João *apareceu* ultimamente.
  - c. *Aparecido o João*, todos se alegraram.

Vê-se no exemplo (70.a) duas possíveis interpretações: na primeira, João estava desaparecido e, ultimamente, apareceu. Nesse caso, temos uma construção inacusativa. Na, última interpretação, João é uma pessoa que gosta de aparecer, de se mostrar para as outros, conotando um sentido de chamar à atenção das outras pessoas para si. Nesse caso, temos uma estrutura inergativa. Em ambos os casos o particípio *aparecido* é derivado do verbo *aparecer*, sendo um V → VDO.

Outra observação concernente ao verbo *aparecer*, é que há uma tendência do falante em colocar a partícula (-se) a fim de regularizá-lo. Vejamos em (71):

- (71) O João só quer *se aparecer* ultimamente.

Numa análise geral, observamos que os dados apresentaram alguns verbos inacusativos que podem ser construídos com –se (72), enquanto que , não acontece o mesmo com a maioria dos inergativos, causando um certo estranhamento (73). Vejamos:

(72)

| <b>INACUSATIVOS COM –SE</b>                                    |
|--|
| [O João] <i>se enrolou</i> com a polícia.                      |
| [O João] <i>se lascou</i> .                                    |
| [O João] <i>se queimou</i> comigo.                             |
| [O João] <i>se ferrou</i> naquela esquina.                     |
| [A música desse cantor] <i>estourou-se</i> em todas as rádios. |
| [A minha vida] <i>se esbagaçou</i> .                           |
| [O João] <i>se despedaçou</i> com a traição.                   |
| [O João] <i>se quebrou</i> todo.                               |
| *[A Maria] <i>morreu-se</i> .                                  |

(73)

| <b>INERGATIVOS COM -SE</b>                    |
|---|
| *[Os dias] <i>correm-se</i> .                 |
| *[O bebê] <i>já comeu-se</i> .                |
| *[A Maria] <i>já almoçou-se</i> .             |
| *[A Maria] <i>viajou-se</i> demais.           |
| [Ele] <i>se dá</i> bem com todos.             |
| [O João] <i>se meteu</i> num grande problema. |

A literatura trazida aponta que o fenômeno –se é um caso de indeterminação do sujeito cuja propriedade é restrita aos verbos que selecionam um argumento externo, ou seja, a verbos inergativos. Porém, os dados mostraram que a maioria desses inacusativos, que derivaram um particípio, que conota um sentido metafórico, podem ser construídos com o –se. De modo diferente acontece com os verbos inergativos.

Os dados também trouxeram construções transitivas que compartilham propriedades comuns ora com verbos inacusativos ora com verbos inergativos. Nesse sentido, podemos observar nos verbos transitivos que, quando o sujeito comporta-se como um argumento interno, tal como os objetos diretos dos verbos transitivos, ele pode ser construído com –se, aproximando-se dos inacusativos. Nessas estruturas transitivas quando o objeto é um argumento interno e o sujeito é um agente implícito, não é possível a realização do –se. Veja:

(73)

| <b>TRANSITIVOS COM –SE</b>  |
|---|
| [Ela] ficou <i>agarrada</i> na televisão o dia inteiro.<br>Ela <i>agarrou-se</i> ...        |
| [O João] está <i>acabado</i> por causa do trabalho.<br>O João <i>se acabou</i> ...          |
| [A Maria] está <i>esgotada</i> da faculdade.<br>A Maria <i>se esgotou</i> ...               |
| [O João] está <i>sugado</i> com a viagem.<br>O João <i>se sugou</i> ...                     |
| [Ele] está <i>amarrado</i> nesse cantor.<br>Ele <i>se amarra</i> ...                        |
| <i>Versus:</i>  |
| [Esse plano] está bem <i>bolado</i> .<br>*Esse plano <i>bolou-se</i> ...                    |
| [O projeto] está <i>amadurecido</i> na minha cabeça.<br>*O projeto <i>amadureceu-se</i> ... |

Neste capítulo trouxemos uma breve descrição sobre alguns participios em sentenças predicativas. Para a explicação desses dados, sugere-se uma melhor investigação do fenômeno –se nessas construções.

## CONCLUSÃO

Como vimos, a discussão em torno da predicação verbal concentra-se na relação entre o verbo e os seus complementos.

Encontra-se nas gramáticas tradicionais que os verbos podem se distinguir entre transitivos e intransitivos, conforme a sua natureza. Autores como Rocha Lima, Cunha & Cintra, e Bechara, ao expor sobre os intransitivos, limitam as suas análises reduzindo-as a critérios semânticos, desconsiderando, portanto, os critérios sintáticos. Além disso, esses autores têm colocado que os verbos intransitivos, por terem uma predicação incompleta se comparados aos transitivos, exigem outros elementos que são os objetos, para que haja uma predicação completa.

Essa concepção tem sido debatida pela linguística moderna incluindo como parte dos verbos intransitivos outra categoria como proposta de análise da sentença, trata-se dos verbos inacusativos, que são aqueles que selecionam um único argumento interno. A perspectiva gerativista se distancia das gramáticas tradicionais incluindo os inacusativos como uma subcategoria dos intransitivos. E nesse sentido, tem-se uma nova classificação tipológica dos verbos: transitivos, que selecionam um argumento externo e um ou mais argumento(s) interno(s), inacusativo, que selecionam apenas um argumento interno, e inergativos, que selecionam um único argumento externo.

Diante disso, direcionamos nossa análise segundo a noção de predicação verbal trazida pelo gerativismo. Os dados apresentaram sentenças participiais  $V \rightarrow VDO$ , que derivam de um verbo correspondente, e VDO, que são construções adjetivas. Quanto aos  $V \rightarrow VDO$ s, observamos que alguns participípios, em estruturas de predicação nominal *ser*, *estar* e *ficar* transpõem o significado lexical do verbo correspondente, propondo uma interpretação metafórica.

Os dados apresentam construções inacusativas que podem ocorrer com *-se*, enquanto que a maioria das construções inergativas não aceitou a partícula *-se*. Já nas construções transitivas, quando o sujeito comporta-se como um argumento interno, tal como os objetos diretos dos verbos transitivos, ele pode ser construído com *-se*, aproximando-se dos inacusativos. Ainda nessas construções quando o objeto é um argumento interno e o sujeito é um agente implícito, não é possível a realização do *-se*.

Além disso, levando em conta as propriedades dos verbos monoargumentais e que eles podem se aproximar de verbos transitivos, os dados mostraram que alguns verbos transitivos

podem aparecer em construções com –se, desde que o argumento interno seja o sujeito da sentença, assim como acontece com os inacusativos.

No caso daqueles verbos que se constroem com participípios e, portanto, os participípios são bons ou não são bons ou não eram esperados, considera-se, por hipótese, que as relações de troca de argumentos entre o verbo e a posição do objeto é o que provoca o sentido metafórico, contudo, tais explicações carecem de uma análise mais aprofundada.

Conclui-se, portanto, que os estudos e pesquisas associados à predicação verbal, principalmente aos verbos monoargumentais, proporcionam amplas discussões que podem ser desenvolvidas e trabalhadas paralelamente com os participípios. Esta é uma temática na qual pretendemos investigar e contribuir com futuras pesquisas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CIRÍACO, Larissa. CANÇADO, Márcia. **Inacusatividade e inergatividade no PB**. Cad. Est. Ling., Campinas, 46(2): 207-225, Jul./Dez. 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 2001. XXV, p. 441-443.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. MATEUS, Mira Helena (Org.). In: **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. P. 507- 521

ELIZEU, André Manuel Godinho Simões. **Verbos ergativos do português: descrição e análise**. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1984. [Dissertação]

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. RESENES, Mariana Santos de. NEGRÃO, Esmeralda Vailati. Pesquisa em sintaxe gerativa: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e questões. GONÇALVES, Adair Vieira. GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Org.). In: **Ciência da Linguagem: o fazer científico?** Campinas – SP: Mercado de Letras, 2012. Vol 1. P. 119-141

NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato do. **Os verbos inacusativos d Português Brasileiro: uma proposta de categorização**. Rev. DELTA., 30.2, 2014 (p.237-256). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445091976024610089>. Acesso em: 24 de out. de 2017.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio da Janeiro: José Olympio, 2000.